

A ocupação calcolítica da "sala 20" do Buraco da Moura de S. Romão

António Carlos VALERA

Introdução

Conhecido desde há muito, seria só em 1985/86, após os reconhecimentos efectuados por elementos do PEABMAM, que o Buraco da Moura se revelaria como um importante sítio arqueológico.

Desde o início, foram-se recolhendo materiais em variadíssimas cavidades do complexo, das mais superficiais às mais profundas (a mais de uma centena de metros da actual entrada), sugerindo, aos poucos, diversos períodos de ocupação.

De 1987 a 1989, efectuaram-se as três primeiras campanhas de escavações (nem sempre com a duração desejada) dirigidas pelo autor deste texto, pelo Prof. Doutor J.C. de Senna-Martinez e pela Dr. I. Estevinha. Estas intervenções foram realizadas em cinco cavidades (sala 20, sala 1, sala 2, sala 4 e sala 18), todas elas pertencentes a um núcleo de grande concentração de materiais à superfície situado na parte inicial do complexo.

Neste momento, apenas se encontra concluída a escavação e estudo de materiais e estruturas da sala 20. São esses resultados que, adoptando uma repartição cronológica, serão apresentados em três textos, debruçando-se este primeiro sobre a ocupação mais antiga daquela cavidade.¹

Não obstante a escavação e estudo de materiais de outras cavidades deste complexo não estar concluído ou, para a maioria, nem sequer iniciado², sempre que necessário será feita referência à informação já disponível para esses espaços. Na realidade, não só terá existido uma ocupação/utilização simultânea de várias cavidades em determinados momentos, como a dinâmica de escorrências deste sítio foi (e é) responsável pela deslocação de alguns materiais de uns locais para outros, o que obriga sempre a uma perspectiva de conjunto.

1. Localização e breve caracterização geográfica da área

O conjunto de cavidades naturais entre penedos graníticos denominado *Buraco da Moura* situa-se junto à ribeira da Caniça, na vertente Sul do Cabeço do Crasto, o qual fica encaixado na confluência daquela ribeira com o rio Alva, a uma altitude de 680 m e com as seguintes coordenadas: 236.9/397.7 GAUSS, na folha 223 da C.M.P., esc. 1:25000. Administrativamente, localiza-se no limite SE da freguesia de São Romão, próximo da povoação da Lapa dos Dinheiros, concelho de Scia, distrito da Guarda (Fig. 1).

Situado na extremidade ocidental do Maciço Central de origem tardi-hercínica, este sítio foi fortemente condicionado na sua formação e evolução pela dinâmica geomorfológica inerente à sua localização. Do ponto de vista geológico, situa-se no complexo de granitos calco-alcálicos de duas micas biotíticos (granito porfiroide de grão grosseiro) (TEIXEIRA, et al. 1974: 26, sgs.). O local é periférico em relação à área glaciada da Serra da Estrela, ficando a cerca de 1800 m, em linha recta, da extensão máxima da língua glaciária do Covão Grande, que terá ocupado o curso superior da ribeira da Caniça (DAVEAU, 1971) (Fig. 1). Assim, este sítio esteve desde sempre sujeito aos efeitos de intensas acções erosivas, fundamentalmente de origem periglaciária, sendo recortado por inúmeras linhas de água, alimentadas por reservas hídricas das acumulações de neve nos patamares superiores da serra.

Inserindo-se neste contexto, o Buraco da Moura é constituído pela aglomeração de grandes blocos graníticos, no sopé da vertente, junto à ribeira, formando entre si cavidades que viriam a ter ocupação antrópica. Tratando-se de um local onde a dinâmica da evolução de vertentes é particularmente activa, estes espaços entre penedos sofreram constantes alterações, com escorrências de terras e blocos graníticos, o que tem vindo a alterar a sua configuração pré e pós-utilização humana.

Do ponto de vista dos recursos pedológicos, a área envolvente do sítio arqueológico é caracterizada por cambissolos húmicos, sendo os solos extremamente ácidos, variando o Ph entre 4.5 e 4.6. A sua utilização actual é considerada condicional, sendo classificada na classe C+D ou E.³

Quanto ao coberto vegetal, este caracteriza-se actualmente por uma floresta de carvalhos (*Quercus pyrenaica*) e de pinheiro bravo (*Pinus pinaster*) com o acréscimo, mais ou menos recente, do castanheiro (*Castanea sativa*).

2. A ocupação inicial da sala 20

A cavidade aqui abordada é a que, no conjunto de todo o complexo, se situa a uma cota mais elevada. Esta situação coloca-a como o ponto de origem de escorrências de alguns materiais para outros espaços (Fig. 2). Situa-se no interior do aglomerado de penedos, mas num plano próximo da actual superfície, de tal modo que existe uma *claraboia* por onde penetra a luz do dia, insuficiente, no entanto, para dar claridade à cavidade. Esta, contudo, não terá sido sempre a configuração deste espaço. É visível no seu topo Norte a existência de um cone de escorrências provenientes do exterior, que se sobrepõe parcialmente ao último nível de ocupação da sala 20 (nível 1), tapando uma larga abertura por onde se faria a entrada nesta cavidade directamente a partir do exterior do complexo de penedos. Actualmente, o acesso só é possível pelo interior, escalando-se a partir da sala 2.

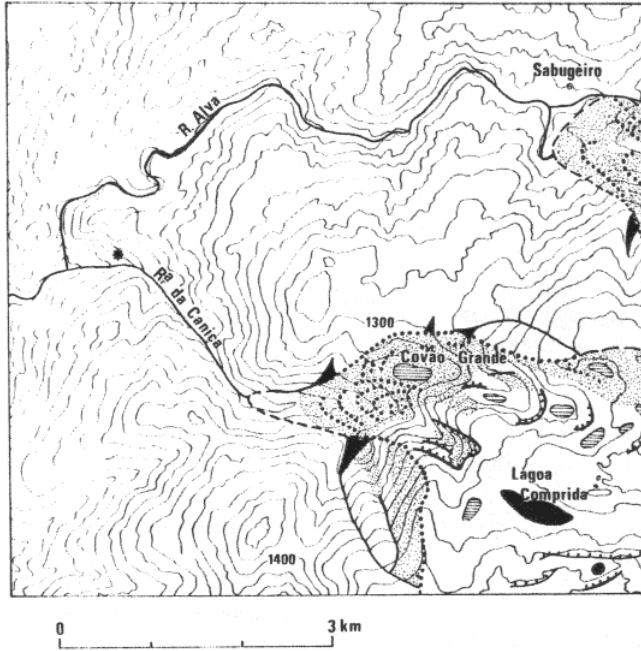


Fig. 1 – Localização do Buraco da Moura, junto à ribeira da Caniça. A cerca de 1.5 Kms, a extensão máxima da lígua glaciár, segundo S. Daveau, 1971.

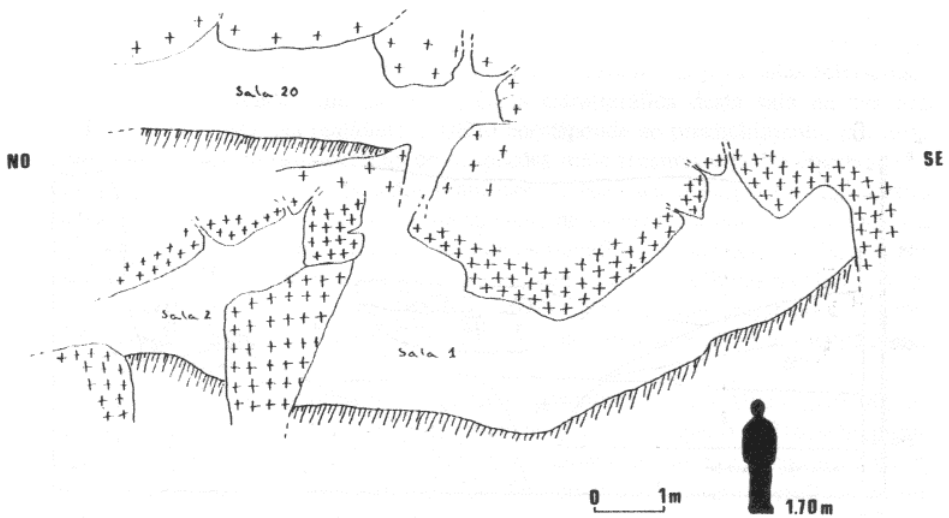


Fig. 9 – Perfil das salas 1, 2 e 20. A sala 20 situa-se num plano ligeiramente mais recuado.

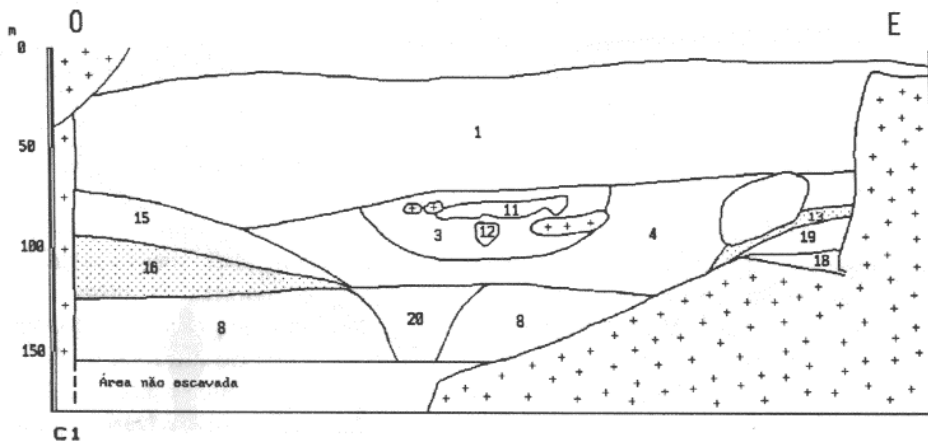
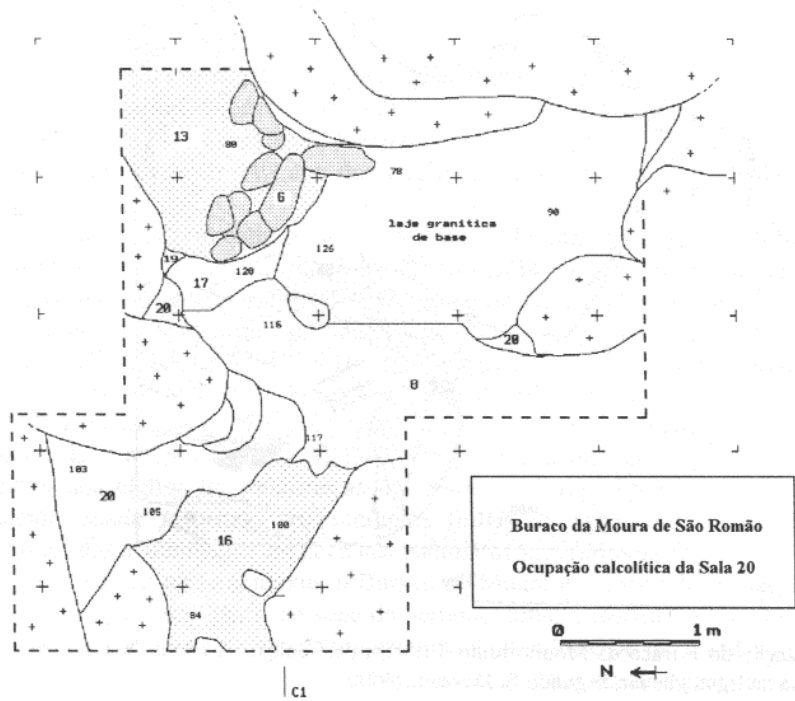


Fig. 3 – Planta e perfil estratigráfico da Sala 20 referentes à ocupação em questão.

Posterior à ocupação antrópica da sala 20, este cone de escorrências transportou materiais arqueológicos atribuíveis a vários períodos, destacando-se fragmentos de olaria, objectos de anfibolito polido e dois dormentes de mó manual, um dos quais inteiro, mas que de momento se situa entalado debaixo de um penedo de várias toneladas. Não sendo possível de escavar a partir do interior (por razões de segurança), esta escorrência demonstra a existência de ocupações no espaço exterior (ainda não arqueologicamente comprovadas *in situ*). Um estudo da sala 20 terá pois de a perspectivar como um provável abrigo com entrada pelo exterior, no qual é possível que se prolongasse a ocupação.

Escavada em três campanhas, esta cavidade forneceu uma estratigrafia que aponta para três etapas de ocupação distintas: a mais recente detectada na UE 1 e correspondendo ao Bronze Final⁴; uma intermédia atribuível a um Bronze Inicial/Médio⁵; a mais antiga, consubstanciada nas UEs 13, 16 e 8, e que é o objecto deste estudo.

O primeiro momento de ocupação da sala 20 aparece estratigraficamente referenciado a cerca de 80/85 cm da superfície, nas unidades estratigráficas 13, 6, 16 e na interface desta última com a UE8 (Fig. 3).

As UEs 13 e 16, que geológica e arqueologicamente são consideradas equivalentes, correspondem a um mesmo solo de ocupação que se apresenta interrompido na área central da cavidade. No recanto NE, a sua espessura é muito fina (4 a 5cm), incorporando um pequeno alinhamento de pedras de médias dimensões com uma disposição semi-circular. A Oeste, a sua espessura é substancialmente maior, tornando-se progressivamente mais fina para Este. Pensamos que originariamente estas duas unidades constituiriam um só solo de ocupação que abrangeria a metade Norte da sala 20, provavelmente numa altura em que esta teria, nesse lado, uma saída para o exterior.

A dinâmica interna de escorrências própria deste complexo de cavidades, viria, no entanto, a ser responsável pela formação de uma série de cones de escorrências por onde têm vindo a cair terras, pedras e materiais arqueológicos para salas inferiores, o que, em nosso entender, afectou a sequência estratigráfica desta sala na sua área central e recanto NO. Na realidade, a UE20 corresponde ao preenchimento, por terras muito soltas misturando materiais de ocupações mais recentes e pedra encaixada, de um espaço entre os grandes penedos graníticos. A sua escavação permitiu comprovar que estas terras e pedras estavam numa situação de escorrência para o recanto SO da sala 2, onde por vezes caíam mesmo durante os trabalhos. A recuperação de fragmentos de cerâmica no nível 5 da sala 2 que pertenciam a peças recolhidas na UE16 da sala 20 comprova estas observações, assim como a recolha de dois fragmentos (24/89 e 20/89) entre as pedras que preenchiam o buraco, já numa situação próxima de caírem para a sala inferior.

Na sequência estratigráfica obtida, a UE13 assentava sobre a UE19 (parcialmente escavada, não forneceu materiais arqueológicos), enquanto que a UE16 sobrepunha, em parte a UE8 (em cuja interface foi recolhida alguma cerâmica) e encostava à UE20.

Sobre estas duas unidades estratigráficas formou-se a UE4, como resultado de uma ocupação posterior (Cf. nota 5). No entanto, e do ponto de vista exclusivamente estratigráfico, terá existido um hiato entre a ocupação mais antiga que originou as UEs 13 e 16 e a ocupação intermédia desta sala, responsável pela formação da UE4. É que a Oeste interpõe-se entre a UE16 e a UE4 uma pequena escorrência de terras amarelas,

arqueologicamente estéril (UE15). É possível, contudo, que esse hiato na ocupação da sala 20 tenha sido relativamente breve. Na realidade, a deposição de escorrências neste complexo de cavidades faz-se, não de um modo contínuo, lento e regular, mas a espaços, de um forma irregular e rápida, pelo que a formação da UE15 poderá corresponder a um curto período de tempo, tanto mais que a Oeste a UE4 sobrepõe-se directamente à UE13. Por outro lado, não podemos esquecer que este hiato poderá apenas significar que esta sala esteve durante um certo período de tempo desocupada, o que não significa que o mesmo acontecesse noutros espaços ou no exterior.

2.1 - Os materiais

É um conjunto composto essencialmente de olaria, sendo o material lítico muito escasso: três lamelas de sílex, um fragmento de foice sobre lâmina de sílex, duas lascas em sílex, um raspador igualmente em sílex, um fragmento de anfíbolito e um fragmento de um pequeno polidor em granito.

O conjunto de materiais cerâmicos recolhidos é igualmente reduzido: 26 peças individualizáveis, das quais 23 permitiram uma reconstituição total ou parcial, e ainda 3 bases cónicas e dois fragmentos de asa. Foram igualmente recolhidos cerca de uma centena de bojos, 7 dos quais apresentavam decoração.

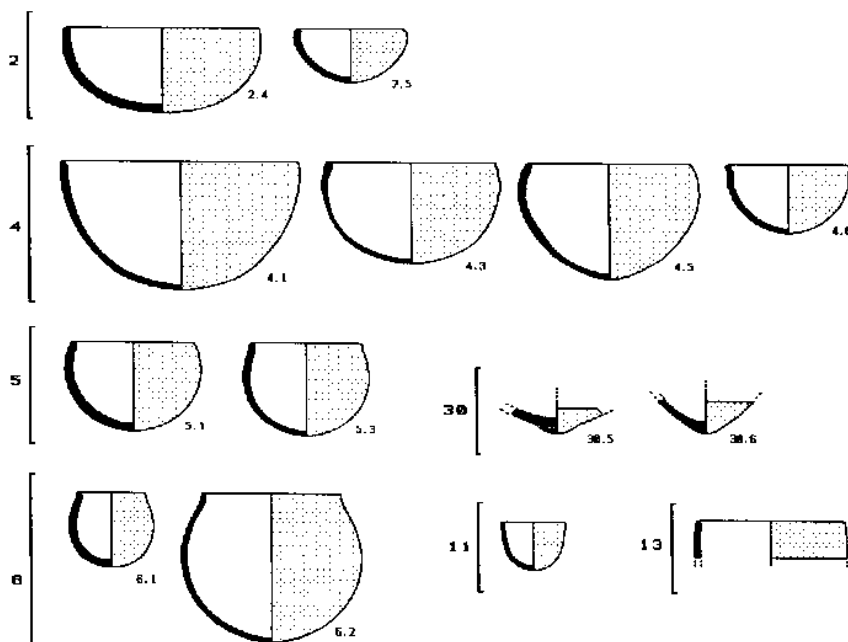


Fig. 4 - Tabela de Formas cerâmicas

A análise formal dos exemplares cerâmicos que permitiram reconstituição total ou parcial possibilitou a elaboração de uma tabela de formas constituída por 6 tipos mais as bases (Fig.4)⁶.

A forma 2 corresponde a taças e engloba os sub-tipos 2.4, taça hemi-elipsoidal funda ($Ia_2 = 100$ e $40 < Ip < 50$), e 2.5, taça em calote ($Ia_2 = 100$ e $Ip = 49$) com bordo ligeiramente invertido.

Na forma 4 estão englobadas as tigelas, divididas em quatro sub-tipos: 4.1, tigela hemi-elipsoidal ($Ia_2 = 100$ e $50 < Ip < 70$); 4.3, tigela sub-esférica de volume em segmento esférico ($Ia_2 < 100$ e $50 < Ip < 70$); 4.5, tigela de lábio invertido ($90 < Ia_2 < 100$ e $50 < Ip < 70$); 4.6, tigela de carna alta e lábio exvertido ($Ia_2 = 100$ e $Ip = 58$).

A forma 5 corresponde aos esféricos, sub-divididos em 5.1, esférico simples, com volume de segmento esférico ($90 < Ia_2 < 97$ e $70 < Ip < 95$), e 5.3, idêntico ao sub-tipo anterior distinguindo-se apenas pela existência de um pequeno gargalo.

A forma 6 engloba os vasos globulares ($70 < Ia_1 < 90$ e $90 < Ip < 101$).

A 11 pertence às tigelas fundas ($Ia_2 = 100$ e $Ip = 81$), semelhante ao sub-tipo 4.1 mas afastando-se dele pelo seu grande índice de profundidade, que é idêntico ao dos esféricos.

Finalmente, o tipo 13, vaso de paredes rectas, incompleto.

No que se refere às bases, foram recolhidos três fundos cónicos, dois pertencentes ao sub-tipo 30.5, bases cónicas com espessamento e um 30.6, base cónica simples. A maioria das bases seriam, contudo, bases convexas simples, como parecem sugerir alguns fragmentos de bojo.

A análise do número de recipientes por tipo (Fig. 5), demonstra a predominância das tigelas e de uma maneira geral das formas fechadas sobre as abertas: os sub-tipos 4.3 e 4.5 e os tipos 5 e 6 representam 61% das peças reconstituídas, enquanto que nas formas abertas 8.6% são taças e as restantes tigelas. Em termos de tipos, aparecem ainda com relativa importância os esféricos e globulares, que no seu conjunto atingem os 39%.

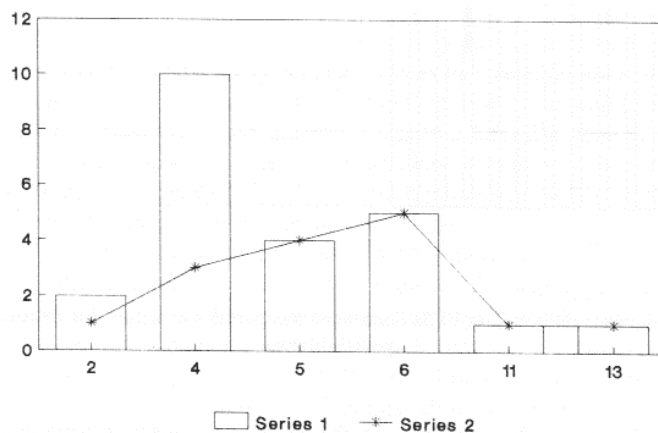


Fig. 5 - Número de recipientes por tipo (barras) e número de recipientes decorados por tipo (linha)

As pastas, que revelam uma cozedura em ambientes predominantemente oxidantes, apresentam uma consistência média em 72% dos fragmentos analisados, sendo compactas em 17% e friável nos restantes 11%. As texturas são maioritariamente xistosas (69%), sendo granulares em 31% dos casos. Os elementos não plásticos utilizados são o quartzo, os feldespatóides e as micas. Apresentam uma granulometria predominantemente fina, onde o elemento não plástico dominante são as micas. As pastas de maior granulometria utilizam em maior número os feldespatóides e, sobretudo, o quartzo. O tratamento de superfícies é cuidado, apesar de alguns fragmentos demonstrarem um desgaste superficial provocado pela erosão. Uma peça apresenta um tratamento a almagre (15/89).

Uma das características desta produção cerâmica reside no facto de apresentar uma elevada percentagem de decoração. Assim, em 26 peças individualizáveis, 16 apresentam decoração, o que representa 61,5% do total e às quais há ainda a juntar 7 bojos, igualmente decorados.

A localização da decoração é claramente predominante na área do bordo e espaço imediatamente abaixo. Se considerarmos a altura de cada peça igual a 100% verificamos que a decoração, nos casos em que é possível localizá-la, incide em 90% numa faixa que corresponde ao primeiro 1/4 do vaso, a partir do bordo, e apenas num caso a decoração se estende para além dos 50% (Fig.6). Em sete casos é impossível determinar a localização da decoração e em cinco outros localiza-se igualmente junto ao bordo, mas, sendo impossível a reconstituição integral das peças, estes não foram inseridos nesta análise que, no entanto, parecem confirmar⁷.

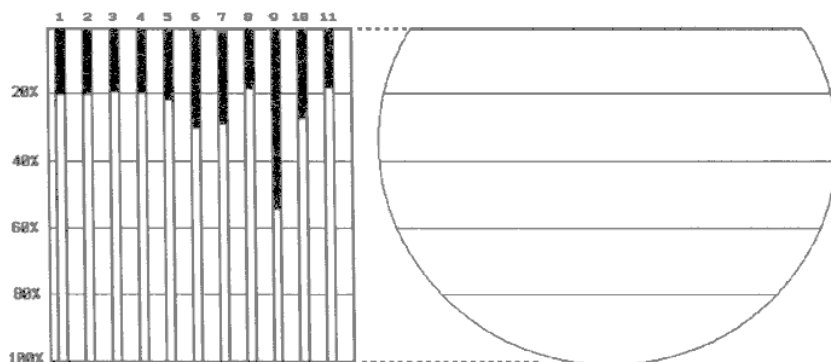


Fig. 6 – Esquema de localização da decoração nas paredes externas dos recipientes que o possibilitaram

A decoração, a sua localização e a forma do vaso estão intimamente ligados a factores culturais, inserindo-se num sistema comunicativo mais vasto, que as transcende. No entanto, a variação mecânica responde igualmente a outros factores distintos dos da variação decorativa (BRAUN, 1983, 112), por exemplo à funcionalidade.

Tal variação mecânica pode restringir directamente a localização e o próprio motivo decorativo, nos termos em que a forma de um suporte condiciona a representação que recebe.

Tendo em atenção as formas existentes no conjunto de materiais em estudo e a inferência que deles se pode fazer sobre a sua utilização (que será provavelmente doméstica, apresentado uma peça meios que permitiriam a sua suspensão), as partes disponíveis para receber decoração, porque mais visíveis, são precisamente o bordo e/ou a metade superior da peça. Sendo a maioria formas fechadas, com um perfil esférico ou sub-esférico, é a parte superior da peça que oferece o espaço mais visível e, portanto, mais facilmente elegível para receber a decoração. Pelo contrário, a metade inferior de vasos esféricos e globulares e as formas abertas em geral tem áreas que, na maioria das vezes, se apresentam mais escondidas do campo de visão normal do utilizador (excepção feita, por exemplo, aos vasos de suspensão). Talvez aqui resida, em parte, a explicação para o facto de num conjunto cerâmico com alta percentagem decorativa, esta apresentar (nas formas reconstituíveis) uma concentração de 78.5% em formas fechadas e uma localização claramente predominante na área imediatamente subjacente ao bordo (Fig.6). Assim, as formas menos decoradas são precisamente as abertas e menos profundas, enquanto que as formas fechadas apresentam uma percentagem de decoração de 100% (Fig.5).

Contudo, não podemos esquecer que existem outros factores, de ordem cultural e estética, que actuariam igualmente como condicionantes dessa localização predominante, sendo a sua apreensão através do registo arqueológico particularmente difícil. Por outro lado, há que relembrar o reduzido tamanho da amostra. No entanto, a escavação da sala 2 tem vindo a fornecer evidências arqueológicas mais abundantes e que confirmam estas observações.

No que se refere às técnicas utilizadas (Fig.7), estão presentes a incisão (em 7 casos), a impressão (em 8 casos) e a conjugação das duas técnicas (em 8 casos). Temos, assim, que entre as duas técnicas não há uma preferência notória de uma sobre a outra ou de qualquer delas sobre a sua combinação. Na incisão predominam claramente as decorações à base de linhas incisadas, enquanto que nas impressões há uma clara preferência pelo punção lateral simples ou arrastado (técnica de *boquique*). Menos representativas, aparecem ainda as *incisões a pente arrastado* dando origem a linhas rectas e/ou onduladas (aquilo que denominamos de decoração penteada), traços incisados, impressão a pente e espátula lateral e pequenas unguiações nos bordos. Nas decorações que associam as duas técnicas existe a preferência pela associação das técnicas da linha incisada com o punção lateral simples ou arrastado, representando 78% dos casos em que há conjugação.

Os motivos decorativos apresentam uma relativa simplicidade. As organizações são predominantemente horizontais, elaboradas a partir de sequências de impressões formando linhas paralelas ao bordo; espinhas, também paralelas ao bordo, obtidas através de linhas ou punção lateral arrastado, por vezes enquadradas por linhas horizontais incisadas ou impressas a punção lateral; linhas incisadas perpendiculares ao bordo rematadas ou não por linhas horizontais obtidas por punção lateral arrastado ou incisadas; bandas reticuladas obtidas com linhas incisadas ou linhas incisadas cortadas por punção lateral, ou ainda, linhas incisadas paralelas ao bordo interceptadas por traços perpendiculares, dando um aspecto ao motivo de "linha de

caminho de ferro". Alguns destes motivos são acompanhados por pequenas e finas unguilações no bordo, dando-lhe um aspecto denteado (2 casos).

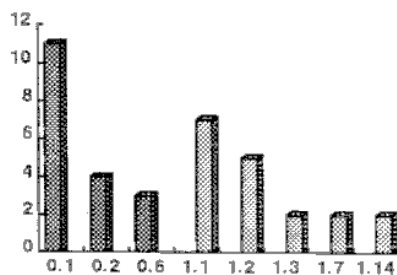


Fig. 7 - Ocorrências por técnicas decorativa

- 0.1 - linhas incisais
- 0.2 - traços incisais
- 0.6 - penteado inciso
- 1.1 - impressão a punção lateral simples
- 1.2 - impressão a punção lateral arrastado
- 1.3 - impressão a espátula lateral simples
- 1.7 - impressão a pente lateral simples
- 1.14 - impressão unguilada

3. A ocupação mais antiga da sala 20. Algumas considerações

O primeiro problema que levanta este momento de ocupação da sala 20 é o da sua integração cronológica. A ausência de matérias que permitissem o estabelecimento de uma cronologia absoluta dificulta esta tarefa e leva a que a abordemos baseando-nos no posicionamento estratigráfico dos níveis em questão e numa análise comparativa dos materiais exumados com outros provenientes de realidades conhecidas na região e em outras áreas peninsulares.

Neste sentido, pensamos que a ocorrência de cerâmica com decoração *incisa a pente arrastado* (decoração penteada) poderá ser particularmente útil no estabelecimento de uma cronologia relativa para este conjunto de materiais. A recente investigação tem vindo a demonstrar o carácter lato de determinado tipo de técnicas decorativas que anteriormente se pensavam mais restritas no tempo. É o caso da técnica de boquique e é igualmente o da cerâmica penteada.

Em âmbito peninsular, o aparecimento da cerâmica penteada tem vindo a ser colocado no Neolítico, onde parece ser raro e pontual.⁸ Na realidade, é nos momentos culturais subsequentes que esta técnica decorativa parece generalizar-se em determinadas áreas peninsulares, estendendo-se até à Idade do Ferro - veja-se a recente discussão a propósito das cerâmicas penteadas da Meseta Norte Espanhola (GÓMEZ, 1991 e SASTRE, 1991) e continuando presente na olaria romana, de que, pela proximidade, citamos a olaria do castro de S. Romão (GUERRA et al., 1989, p.234). Contudo, as características dos motivos decorativos que a cerâmica penteada dos níveis inferiores da sala 20 do Buraco da Moura apresenta (penteado fortemente ondulado associado a bandas horizontais igualmente penteadas), bem como a de outras salas do mesmo complexo de cavidades; os contextos em que se inserem e o número de ocorrências (algumas dezenas), apontam para uma cronologia calcolítica, dentro da segunda metade do terceiro milénio a.C.

Na realidade, esta técnica e motivos decorativos (penteados, por vezes fortemente ondulados, conjugados ou não com bandas igualmente penteadas mas não onduladas,

dispostas horizontal ou verticalmente), ainda que com pouca divulgação, são conhecidos em vários sítios arqueológicos na península (Fig.8). Em alguns desses sítios, através de datações absolutas ou com base nos contextos artefactuais a que aparecem associadas, tem sido possível estabelecer cronologias para estas cerâmicas decoradas.



Fig. 8 - Localização de sítios arqueológicos com cerâmica penteada atribuível ao Calcolítico/Bronze Inicial na Península Ibérica. (Cartografia em elaboração). 1 - Buraco da Moura.

Assim, no Norte de Portugal, na bacia do Douro (em torno da qual parece existir a maior concentração deste tipo de decorações) estas cerâmicas encontram-se datadas da segunda metade do III, inícios do II milénios a.C. No Buraco da Pala (SANCHES, 1987 e 1989) no nível mais recente, com datas de 4120 ± 80 BP (ICEN-310) e 4120 ± 50 BP (ICEN-311); no Castelo de Aguiar (JORGE, 1986) com datas de 3930 ± 180 BP (UGRA-185) e 3730 ± 140 BP (UGRA-181), na Vinha da Soutilha com datas de 4370 ± 140 BP (UGRA-178), 4650 ± 50 BP (UGRA-133) e 4690 ± 140 BP (Ly-3377). Ainda na bacia do Douro, na Meseta Norte espanhola, esta cerâmica aparece em Las Pozas com datas de 2475-2125 a.C. (DELIBES, 1985, p.44) e, no Alto del Quemado, de 3810 ± 70 (UBAR-95) e 4040 ± 80 (UBAR-131) (LÓPEZ PLAZA, 1991). Mais a Sul, na bacia do médio Guadiana, está datada na Pijotilla a partir de 2400 a.C. (HURTADO, 1982). Na periferia peninsular, estas decorações aparecem datadas no Languedoc, no "Horizonte

de Ferrières" entre 2660 e 2100 a.C. (Gruta de Pins, 2400 a.C.; Chauzon/Beaussement, 2210-2150; Gruta de La Sartanette, 2320 a.C.).

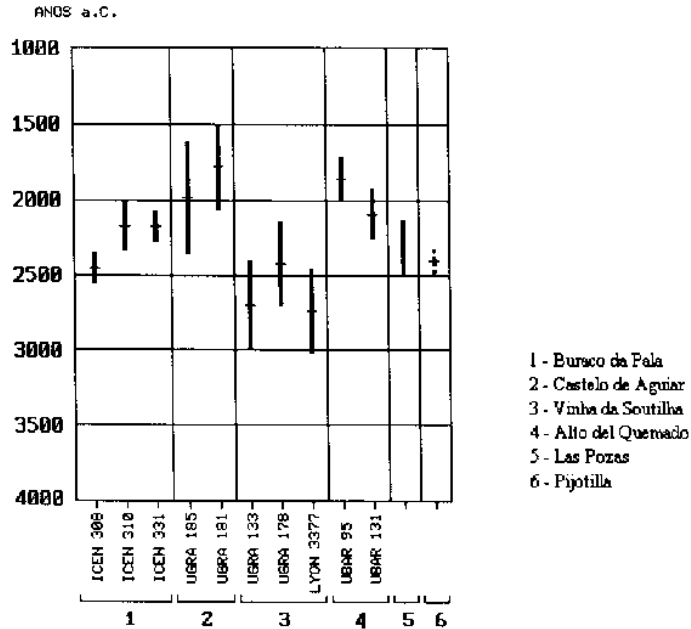


Fig. 9 - Dados de radiocarbono disponíveis para níveis calcolíticos com cerâmica penteada

Noutros sítios arqueológicos peninsulares a ausência de datações absolutas pode ser compensada por aspectos de natureza contextual. Assim, na bacia do médio Mondego estas cerâmicas aparecem associadas, no Abrigo do Penedo da Penha 1, a pesos de tear paralelipipédicos com quatro perfurações, dentro de um conjunto de olaria em que a decoração atinge percentagem muito elevadas (ESTEVINHA et al. 1989); na mesma região, aparecem no monumento megalítico dos Fiais da Telha, atribuídas pelos escavadores a um momento tardio de utilização (SENNA-MARTINEZ, 1989, p. 388-393), na Corujeira (VALERA, neste volume) e no Murganho 1 ("habitat" em estudo onde as cerâmicas penteadas, abundantes, aparecem associadas, por exemplo, a pesos de tear com quatro perfurações decorados). Na Galiza, em Gándaras de Budiño, esta decoração surge num vaso campaniforme (HARRISON, 1977, p.156). Igualmente associada a vasos campaniformes, ocorre no nível II a/b do local 3 na Pastoria no Norte de Portugal. Finalmente, ainda que sem contexto seguro mas claramente Calcolítico, encontramos cerâmicas com este tipo de decorações em variados "habitats" da Estremadura portuguesa. É o caso dos povoados de Vila Nova de São Pedro, Zambujal, Outeiro da Assenta, S. Mamede (GONÇALVES, 1991), Leceia (CARDOSO, inf. pess.) e, já na península de Setúbal, no povoado da Rotura (ABERG, 1921) e nas grutas artificiais da Quinta do Anjo (PEREIRA & BUBNER, 1974-77).

Ainda na Estremadura, a decoração penteada surge, com alguma frequência, nos espólios de várias grutas: a título de exemplo citemos a Cova da Moura⁹ e o Caldeirão¹⁰. Nesta última, a decoração penteada surge associada, no mesmo fragmento, a pastilhas repuxadas, tendo paralelo, na região, no fragmento de V.N. de São Pedro (PAÇO, 1970 e 1970b). Esta associação está generalizada no Sul de França, nomeadamente no grupo de Ferrières, cuja cronologia oscila entre 2600 e 2100 a.C., atingindo o seu apogeu na cultura de Fontbuisse. Sendo igualmente frequente na Meseta Norte durante o Calcolítico, a sua ocorrência mais meridional que conhecemos é no povoado da Pijotilla, datada da segunda metade do terceiro milénio a.C. (HURTADO & AMORES, 1982). De referir que, nas escavações realizadas já em 1992 na sala 2 do próprio Buraco da Moura de S. Romão, foram recolhidos fragmentos de um grande recipiente globular, onde a decoração em bandas verticais penteadas se associa a três linhas paralelas ao bordo de pastilhas repuxadas. O tratamento da pasta e os materiais associados (apesar de se tratar de uma escorrência) parecem apontar para uma cronologia do Calcolítico final/Bronze, já bem dentro do II milénio a.C.

Pelo que fica exposto, pensamos poder integrar a cerâmica com decoração penteada da ocupação mais antiga da sala 20 num momento Calcolítico que situariamos na segunda metade do III milénio a.C. Esta técnica decorativa terá tido continuidade no nível 4, atribuível à Idade do Bronze. Esse nível, ao mesmo tempo que reflecte, no que respeita à produção cerâmica, uma série de inovações formais e uma clara rotura ao nível da percentagem de decoração, demonstra, por outro lado, a continuidade de algumas formas dominantes na ocupação anterior (caso dos esféricos e globulares) e, talvez mais importante, a manutenção, na pouca cerâmica decorada, da técnica de decoração penteada. Esta aparece em quatro fragmentos com o motivo mais ou menos ondulado, mas também em outras tantas peças (duas das quais correspondendo a taças de carena média, muito fechadas) com uma técnica nova: decoração penteada em que o penteado é interrompido várias vezes na vertical, horizontal ou diagonal por um brunimento que o apaga. Esta técnica é, neste sítio arqueológico, exclusiva do nível da Idade do Bronze da sala 20 e do nível 6 da sala 2, claramente atribuível ao mesmo período e que se encontra ainda em estudo.

Numa cronologia da segunda metade do terceiro milénio encaixam também as decorações utilizando a técnica de boquique, as retículas e as impressões a pente lateral, presentes na região no Castro de Santiago (VALERA, 1992) ou por exemplo nos níveis calcolíticos mais recentes do Buraco da Pala e em alguns dos povoados no Norte de Portugal, onde, tal como no Buraco da Moura, são predominantes as formas fechadas (esféricos, globulares e tigelas), que são ao mesmo tempo as formas privilegiadas para receber decoração.

Contudo, e defendendo uma cronologia dentro de um calcolítico pleno, reconhecemos que este conjunto de materiais da ocupação inferior da sala 20 apresenta um forte conservadorismo a nível formal e decorativo. É o caso das bases cónicas com ou sem espessamento que são conhecidas no neolítico de várias regiões peninsulares e que na região só conhecemos, para além das do Buraco da Moura, no Penedo da Penha (associadas a penteados) e na Fraga d'Aia, com datas do final do IV milénio a.C. (JORGE, 1991). Estas bases são comuns no Neolítico da Cultura de Las Cuevas e da Meseta Norte. Na periferia da península, são igualmente conhecidas no Neolítico, por exemplo, em todo o Maghreb ocidental (GUILAINE, 1979). Contudo, no Buraco da Moura, na sala 2, sobrevivem em vasos da ocupação da Idade do Bronze. No que

respeita às decorações, esse conservadorismo está patente por exemplo na utilização da técnica de boquique (que nascendo no neolítico vai até ao Bronze Final, com um aparente interregno no Bronze Pleno) ou no fino dentear dos bordos, ou ainda nos motivos decorativos. Cremos, sobretudo, na conveniência de não abordar estes sítios tendo por base padrões pré-estabelecidos para outras áreas, embora tenhamos que nos socorrer deles na tentativa de interpretação destas realidades arqueológicas. Pensamos que os materiais do Buraco da Moura aqui em questão revelam que determinados atributos da cultura material poderão ter uma maior diacronia do que eventualmente se pensa. Tal deverá ser tido em conta nesta e noutras áreas peninsulares, concretamente no que respeita a contextos arqueológicos com afinidades com o que aqui tratamos. Acreditamos, porém, que alguns materiais de outras cavidades deste sítio, que ainda se encontram em estudo ou cujo estudo pensamos iniciar em breve, poderão representar uma certa anterioridade em relação a estes, podendo recuar a um Neolítico Final. É o caso, por exemplo, do nível inferior da sala 2 onde, entre outros materiais, surgem asas de dupla perfuração. É, contudo, ainda cedo para abordarmos essa problemática.

Estando inserido numa região onde, para a época em questão, são ainda poucas as áreas habitacionais bem conhecidas, a ocupação calcolítica do Buraco da Moura assume particular importância. Na realidade, e para além deste sítio arqueológico, são seguramente conhecidos, encontrando-se em estudo, apenas três outros "povoados": Penedo da Penha 1, Castro de Santiago e Amcal. Prospecções recentes têm vindo a revelar outros locais de interesse arqueológico nas regiões de Nelas (VALERA, neste volume), de Carregal do Sal (VENTURA neste volume) e no concelho de Fornos de Algodres, alguns dos quais poderão corresponder a "habitats" integráveis no período cronológico em questão¹¹.

Estamos pois em crer que, à imagem do que acontece noutras regiões peninsulares, o III milénio a.C. na bacia do médio e alto Mondego vê surgir novas estratégias de povoamento bastante diversificadas, que têm vindo a ser relacionadas com um desenvolvimento socio-económico baseado na exploração de produtos secundários e na intensificação de relações inter-regionais, que confeririam ao povoado, revelador de um carácter mais permanente, um papel de maior preponderância na estruturação económica e ideológica do grupo. Como defendemos noutro texto (VALERA e ESTEVINHA, 1989), pensamos que ao longo do III milénio a.C. esta região terá comportado populações que apresentavam, ao nível do registo arqueológico, diferenças detectadas na sua cultura material e diferentes estratégias de implantação no espaço. Essas diferenças corresponderiam, provavelmente, a diferentes estratégias adaptativas, mas também a graus distintos de evolução e abertura a contactos externos, o que implica graus diferenciados de estruturação social, económica e ideológica¹².

No que se refere ao caso concreto do Buraco da Moura, e que poderá ser extensível ao Penedo da Penha 1, cremos estar perante uma área de habitação que utilizaria espaços entre aglomerados de penedos graníticos como abrigos. A componente habitacional, que aparece mais nítida no Abrigo do Penedo da Penha 1, é-nos sugerida no Buraco da Moura no momento de ocupação calcolítica, não na sala 20, mas na associação, noutras salas, de moinhos manuais e cerâmicas integráveis nesta fase, algumas das quais com sinais de terem ido ao fogo. Tal carácter habitacional aparece mais claramente estabelecido no momento de ocupação do Bronze Pleno da Sala 20 e sala 2. Contudo, não afastamos a hipótese de, no calcolítico, alguns espaços tenham funcionado como necrópole, embora nada exista que nos leve a considerar tal ideia

como mais do que uma hipótese.

Assim, teríamos a utilizar o Buraco da Moura, *pelo menos a partir da segunda metade do III milénio a.C.*, populações portadoras de uma cultura material que se caracteriza essencialmente pela alta percentagem de cerâmica decorada com motivos variados, reveladora de um certo conservadorismo mas também de contactos supra-regionais. O grau de sedentarização destas populações é difícil de estabelecer. A localização deste sítio, na vertente da Serra da Estrela, a cerca de 700 metros de altitude, torna as condições de habitação particularmente difíceis no Inverno, quando, como já tivemos oportunidade de confirmar na actualidade, os cursos de água internos e a humidade se intensificam consideravelmente. No entanto, nos espaços mais à superfície e com aberturas para o exterior seria possível que, mesmo durante os invernos, o local fosse habitado. Do ponto de vista económico, a própria implantação do "povoado" e as características da área envolvente parecem apontar no sentido de a pastorícia e exploração dos seus produtos secundários serem, juntamente com a caça¹³, a principal componente da actividade económica destas populações, que teriam na agricultura (não favorecida no local) e recolocção um complemento. Neste sentido, e apesar de opiniões contrárias vindas recentemente a público, somos dos que pensam que se deve colocar a *hipótese* de relacionamento da exploração de ovicaprinos neste período com a desflorestação detectada nos perfis polínicos dos patamares superiores da Serra da Estrela e datada dos finais do III milénio a.C., hipótese que de resto é colocada pelos próprios investigadores responsáveis pelas sondagens (JANSSEN, 1985, pp. 68-70)¹⁴. O Buraco da Moura e outros sítos arqueológicos que recentemente têm vindo a ser descobertos na Serra da Estrela (CORTE-REAL e SILVA, no prelo) poderão, no futuro, vir a reforçar (ou não) esta hipótese, para o Calcolítico e períodos subsequentes.

A continuidade do estudo e escavação das ocupações calcolíticas (e de períodos anteriores e posteriores) do Buraco da Moura, quer em níveis conservados quer em escorrências, poderá, esperamos, vir a aclarar e precisar algumas das posições que aqui tomamos.

Notas

¹ O estudo de cerca de metade destes materiais fez parte da dissertação de doutoramento do Prof. Doutor J. C. Serra-Martínez. Os restantes materiais foram recolhidos em campanhas posteriores. E o estudo completo de todos estes materiais que agora se apresenta.

² É de notar que já foram recolhidos materiais de superfície em mais de uma dezena de cavidades.

³ Carta de capacidade de uso dos solos, (III-3) m, *Atlas do ambiente*, 1:1000000, C.N.A., 1982. De realçar que, no entanto, a escala desta carta não permite contemplar pequenas áreas, junto aos cursos de água, que apresentam boas condições agrícolas.

⁴ Veja-se SENNA-MARTÍNEZ et al., "A ocupação do Bronze Final do Buraco da Moura de São Romão" neste volume.

⁵ Veja-se SENNA-MARTÍNEZ, "A ocupação do Bronze Final da "Sala 29" do Buraco da Moura de São Romão", neste volume.

6 Na tabela de formas usámos como base os grupos definidos por Senna-Martinez (SENNA-MARTINEZ, 1989), utilizando os mesmos números que denominam os tipos e sub-tipos apresentados por aquele autor. No entanto, os desenhos das formas da tabela são feitos a partir dos materiais aqui em estudo, assim como a definição das características de cada tipo e sub-tipo sempre que tal for necessário, tendo-se inclusivamente criado um novo sub-tipo 4.6. A justificação reside no facto de assim se tornar mais fácil a comparação formal de materiais entre sítios arqueológicos.

Da mesma forma se utilizou a matriz de atributos daquele autor, introduzindo-lhe algumas alterações ao nível da análise das decorações.

A análise estatística efectuada é justificada, mas devido ao reduzido tamanho da amostra, deve ser utilizada com precaução.

7 A percentagem é dada pela relação da altura a que termina a decoração em relação ao exterior da base (a2) sobre a altura total da peça mediada partir do exterior da base (a1) $\times a2 / a1 \times 100$.

8 A título de exemplo refira-se um fragmento na Saierna.

9 Agradecemos a Júlio Carreira a oportunidade de ver os materiais deste sítio que tem em estudo. Alguns apresentam motivos decorativos peneados perfeitamente idênticos aos do Buraco da Moura e Penedo da Penha 1

10 Agradecemos ao Dr. João Zilhão a oportunidade de ver os materiais em questão provenientes deste sítio arqueológico.

11 Alguns destes sítios foram, entretanto, objecto de escavações, enquanto outras estações foram detectados, elevando-se actualmente a 13 os sítios de habitat com ocupação calcolítica.

12 A interpretação de diferenças observáveis ao nível da cultura material tem sido uma das questões mais discutidas do problema da interpretação em Arqueologia. Tradicionalmente, e tendo como principal suporte o conceito de cultura tal como o definiu Gordon Childe, uma cultura material era encarada como a manifestação material de um grupo social e étnico concreto. Neste sentido, as diferenças verificadas no registo material tendiam a ser interpretadas como vestígios materiais de dois ou mais grupos étnicos distintos: "povos". Actualmente, a tendência, apoiada em vários exemplos etnográficos, é para que a cultura material seja vista como um mecanismo adaptativo, recusando-se a identificação cultura material/povo, interpretando-se as diferenças como o reflexo da diversidade de soluções e ritmos próprios que cada comunidades revela, sem, contudo, desprezar o papel de tradições, mais ou menos personalizadas e enraizadas, na formação da cultura material dessas mesmas populações. As questões, actualmente, centram-se em problemas de organização, complexidade ou de funcionamento, que poderão explicar as diferenças detectadas. Pode-se, contudo, falar de grupos/comunidades/populações, que terão uma correspondência territorial mais ou menos acentuada, definindo grupos e/ou áreas culturalmente homogéneas, que estabelecerão entre si relações de forma mais ou menos intensa.

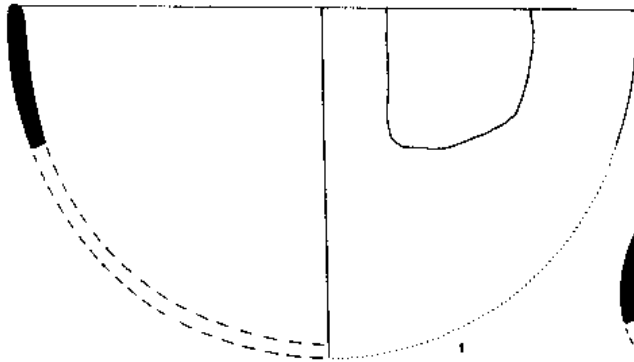
13 O nível 16 da sala 20 forneceu dois pequenos fragmentos de osso que, pelo seu estado de fragmentação são impossíveis de identificar. Contudo, nos níveis da Idade do Bronze da sala 20 e da sala 2 os vestígios de fauna são relativamente abundantes, estando representadas as seguintes espécies: ovis, *ovis/capra*, *cervus elaphus*, *sus scrofa* e/ou *domesticus* e *bos tauros*. Algumas destas espécies serão, com grande probabilidade (o cervus é-o com certeza), selvagens, o que atesta a importância da caça na economia das populações que, na Idade do Bronze, habitaram o Buraco da Moura, enquanto que os *ovis* e o *bos tauros* documentam a actividade pastorícia. Este é um quadro que podemos, como hipótese verosímil, alargar à ocupação anterior.

14 O carácter antrópico de desflorestações datadas pelo radiocarbono do Neolítico na Serra da Freita (Montanhas Ocidentais do Centro-Norte de Portugal) foi, igualmente, defendido por Rochette Cordeiro em estudos recentes (A. M. Rochette Cordeiro, "O Homem e o meio no holocénico português: Paleo-ambientes e erosão", in *Mediterrâneo*, 1, Instituto Mediterrâneo, 1992).

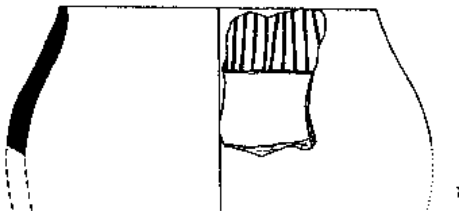
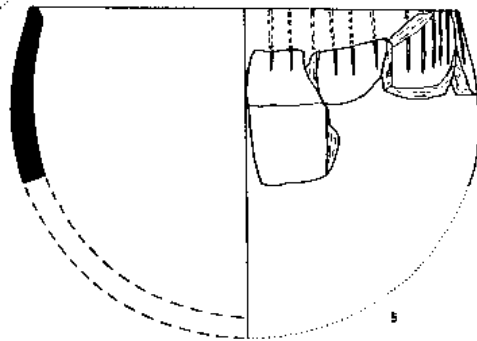
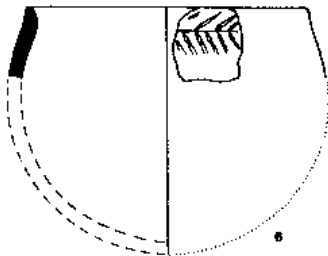
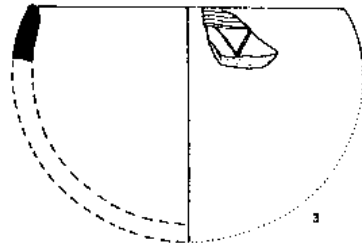
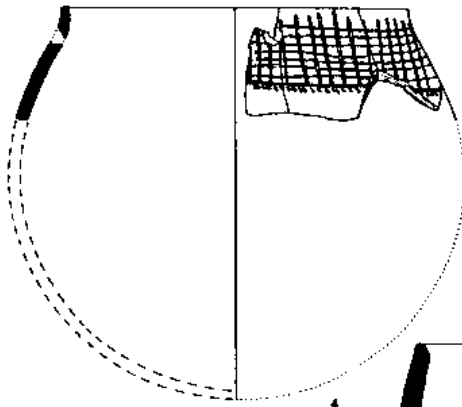
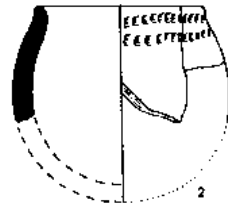
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABERG, N. 1921, *La civilisation néolithique dans la Péninsule Ibérique*, Paris.
- BRAUN, D.P. 1983, "Pots as tools" in, *Archaeological Hammers and Theories*, New York, Academic Press, pp.107-134.
- CARDOSO, J.L. 1982 *O castro de Leceia*, Oeiras, Câmara Municipal de Oeiras.
- CORTE-REAL, A. e SILVA, F. no prelo "Levantamento arqueológico da área envolvente da Ribeira do Caldeirão - Guarda". Comunicação apresentada nas I Jornadas de Arqueologia da Beira Interior
- DAVEAU, S., 1971, "La Glaciation de la Serra da Estrela" in, *Finisterra*, Lisboa, VI, 11, pp.5-40.
- DELIBES DE CASTRO, G., 1985 "El Calcolítico. La aparición de la metalurgia" (Cap.III) in, *História de Castilla y Leon*, 1, pp. 36-52.

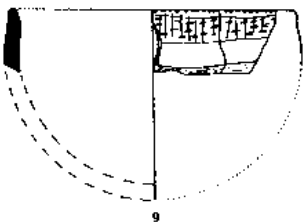
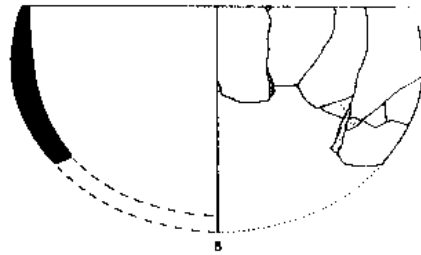
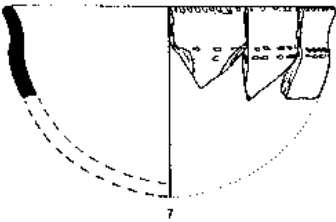
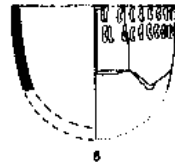
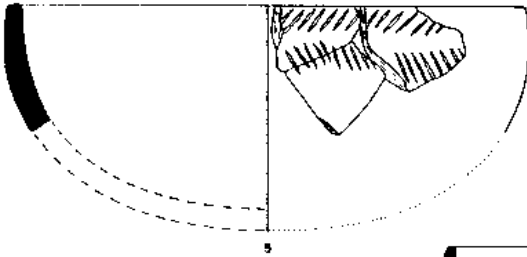
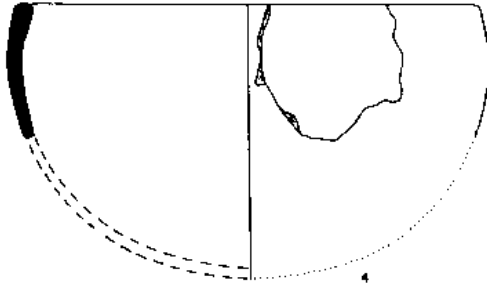
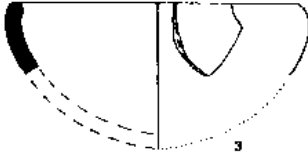
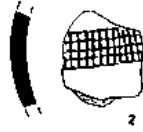
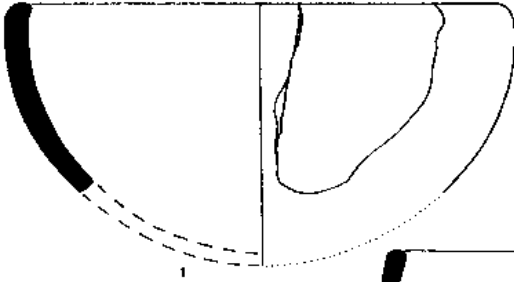
- ESTEVINHA, I., SENNA-MARTINEZ, J.C. e VALERA, A.C., 1989, "O complexo I do Penado da Penha, Vale de Madeiros (Canas de Senhorim): alguns resultados preliminares da campanha 1(1987)" in, *Actas do I Colóquio arqueológico de Viseu*, Viseu, G.C.V. pp.125-142.
- GÓMEZ, F.F. 1991 "Acerca de la periodización de la edad del hierro en la meseta" in, *Revista de Arqueología*, Abril, 120, Madrid, pp.6-7.
- GONÇALVES, J. Ludgero M., 1991, "Cerâmica calcolítica da Estremadura" in, *Actas das IV Jornadas Arqueológicas*, Associação dos Arqueólogos Portugueses, Lisboa, pp.215-226.
- GUERRA, A., FABIÃO, C. e SENNA-MARTINEZ, J.C., 1989, "O Cabeço do Crasto de S. Romão, Seia: alguns resultados preliminares das campanhas 1(1985) a 3(1987)" in, *Actas do I Colóquio Arqueológico de Viseu*, Viseu, Governo Civil do Distrito de Viseu, pp.189-234.
- GUILAINE, J. (1979) *Premiers bergers et paysans de l'Occident méditerranéen*, Paris, Mouton.
- HARRISON, R.J., 1977 *The Bell Beaker Cultures of Spain and Portugal*, Peabody Museum of Archaeology and Ethnology, Harvard University, Cambridge, Massachusetts.
- HURTADO, V. e AMORES, F. 1982 "Relaciones culturales entre el Sudeste Francés y La Pijotilla Badajoz en el Calcolítico: las pastillas repujadas y el campaniforme cordado" in, *Habis*, 13, pp.189-209
- JASSEN, C. 1985 "História da Vegetação" in, *Livro Guia da Pré-reunião. Glaciação da Serra da Estrela, Aspectos do quaternário da Orla Atlântica. I Reunião do Quaternário Ibérico*, Lisboa, pp.66-72.
- JORGE, S.O. 1986, *Povoados da pré-história recente (III inícios do II milénio a.C. da região de Chaves-Vila Pouca de Aguiar Trás-os-Montes Ocidental)*, IAFLP, Porto.
- JORGE, V.O. 1991 "Novos dados sobre a Fraga d'Aia Paredes da Beira - S. João da Pescucira" in, *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 31, pp.181-185
- LÓPEZ PLAZA, S. 1991 "Aproximación al poblamiento de la prehistoria reciente en la provincia de Salamanca" in, *Del Paleolítico a la História*, Museu de Salamanca, pp.49-59.
- PAÇO, A. 1970 "A Póvoa Eneolítica de Vila Nova de S. Pedro" in, *Trabalhos de Arqueologia de Afonso do Paço*, Vol. 1, Lisboa, A.A.P. pp.229-274.
- PAÇO, A. 1970b "A Póvoa Eneolítica de Vila Nova de S. Pedro" in, *Trabalhos de Arqueologia de Afonso do Paço*, Vol. 1, Lisboa, A.A.P. pp.275- 305.
- PEREIRA, M.A.H. & BUBNER, T. 1974-77 "Novos materiais de Palmela" in, *O Arqueólogo Português*, III Série, Vol. VII a IX, pp.113-118.
- SANCIIES, M.J. 1987 "O Buraco da Pala - Um abrigo pré-histórico no concelho de Mirandela Notícia preliminar das escavações de 1987" in, *Arqueologia*, 16, Porto, GEAP, pp.58-77.
- SANCHES, M.J. 1989 "5 datas de c14 para a pré-história recente do Leste de Trás-os-Montes" in, *Arqueologia*, 19, Porto, GEAP, pp.114-115.
- SASTRE, F.J. 1991, "Los Castillejos de Sanchorreja. Cogotas I y Cogotas II" in, *Revista de Arqueologia*, Junho, 122, Madrid, pp.6-7.
- SENNAMARTINEZ, J.C., VALERA, A.C., TEIXEIRA, C. e VENTURA, J. neste volume, "A ocupação do Bronze Final do Buraco da Moura de São Romão"
- SENNAMARTINEZ, J.C. neste volume, "A ocupação do Bronze Pleno da "sala 20" do Buraco da Moura de São Romão."
- SENNAMARTINEZ, J.C. 1989, *Pré-História recente da bacia do médio e alto Mondego. Algumas contribuições para um modelo sociocultural*. Dissertação de doutoramento na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa, Policopiado.
- TEIXEIRA, C. et al. 1974, Notícia explicativa da folha 20-B, Covilhã, da *Carta Geológica de Portugal*, na escala 1/50 000, Serviços Geológicos de Portugal, Lisboa.
- VALERA, A.C. 1992 *Castro de Santiago Figueiró da Granja. As campanhas de 1990 e 1991*, Fornos de Algodres, GAFAL.
- VALERA, A.C. neste volume, "A Corujeira, Canas de Senhorim: vestígios de uma ocupação calcolítica"
- VALERA, A.C. e ESTEVINHA, I. 1989, *Castro de Santiago Figueiró da Granja Fornos de Algodres - Contribuições para o estudo da Pré-história recente da bacia do médio e alto Mondego*, Fornos de Algodres, GAFAL.
- VALERA, A.C., SENNA-MARTINEZ, J.C. e ESTEVINHA, I. 1989 "O Buraco da Moura de S. Romão SEIA: alguns resultados preliminares da campanha 1987" in, *Actas do I Colóquio Arqueológico de Viseu*, Viseu, Governo Civil do Distrito de Viseu, pp.149-174.
- VARANDAS, J. neste volume, "A ocupação medieval do Buraco da Moura de São Romão."
- VENTURA, J.M. neste volume, "Novos monumentos megalíticos no concelho de Carregal do Sal, Viseu: notícia preliminar".



EST. 1



EST. 11



5cm

